

PERSPECTIVAS SOBRE O ENSINO DE GÊNEROS TEXTUAIS-DISCURSIVOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: EXPERIÊNCIA REALIZADA POR MEIO DO PIBID

Chrisllayne Farias da Silva (UEPB)¹
chrisfariassilva@gmail.com

Thaís Calixto Felipe (UEPB)²
thais.cafelipe@gmail.com

RESUMO: Sabe-se que por muitos anos o ensino de língua portuguesa manteve-se ancorado a gêneros textuais que, por muitas vezes, distanciavam-se da realidade social do aluno, além de manter o privilégio da norma culta em detrimento da linguagem coloquial. Pensando nisso e em busca de considerar os novos enfoques da BNCC (2018), foi desenvolvido juntamente com outros bolsistas, o projeto “Versos que Contam” na escola EMEF Antônio Vital do Rêgo, localizada no Município de Queimadas – Paraíba, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). O projeto foi elaborado com o objetivo de ampliar práticas de letramento, habilidades de leitura e escrita, bem como o trabalho com as variações linguísticas. Para tanto, a equipe buscou apresentar gêneros e temáticas em concordância com o contexto social dos alunos, considerando também os pressupostos de Dolz e Schneuwly (1999) que enfatizam a necessidade dos alunos estarem em verdadeiras situações de comunicação, nas práticas reais da linguagem, através do uso concreto dos gêneros. Para isso, utilizamos como objeto de trabalho os folhetos de cordéis. Outros gêneros também ganharam espaço nas aulas, como as memórias literárias, poesias, canções, lendas, entre outros. Também foram utilizados recursos para integração dos alunos a práticas tecnológicas. Entende-se que a perspectiva dos gêneros textuais como intermédio para o ensino-aprendizagem torna-se cada vez mais eficaz e necessária. Sendo preciso observar o modo como a abordagem é realizada, considerando os aspectos que possibilitam a contribuição do ensino. Bem como o contexto social do aluno, para que este perceba o sentido de uso atrelado ao gênero utilizado. Para o desenvolvimento do trabalho tomamos como referência as contribuições teóricas de Bakhtin (1997), Dolz e Schneuwly (1996, 1999), Marcuschi (2004), Marinho e Pinheiro (2012), Pereira (2011), Soares (2001) e Pinheiro (2007).

Palavras-chave: Gêneros textuais. Ensino-aprendizagem. Função social.

1 INTRODUÇÃO

¹ Graduanda do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

² Graduanda do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

Há muitos anos que perspectivas e discussões vêm sendo fomentadas acerca do ensino de língua portuguesa por meio dos gêneros textuais, haja vista que ao trabalhar com as práticas de linguagem no ensino, como a oralidade, leitura, escrita e análise semiótica, trabalha-se também as suas relações com as práticas sociais, as quais inserem-se no contexto dos alunos, conseqüentemente articuladas a algum gênero textual.

Em vista disso, torna-se indispensável a abordagem com os gêneros textuais na prática de sala de aula, uma vez que, a comunicação e a interação só tornam-se possível por meio de algum texto, seja ele de modo oral ou escrito. Pois, além de partir da linguagem no uso concreto, é possível aprimorar habilidades relacionada a oralidade, escrita e leitura, bem como a contribuição no desenvolvimento de diversos letramentos.

Neste trabalho objetivamos destacar tais perspectivas que contribuem com o ensino de língua portuguesa aliado aos diversos gêneros textuais, considerando-o como objeto de aprendizagem que ultrapassa a conjuntura do espaço escolar, preparando os discentes para práticas reais de linguagem e não abstratas, proporcionando meios facilitadores para que haja a finalidade social nas produções realizadas no ensino, tornando o aluno autônomo, eficiente e ativo dentro e fora do contexto escolar.

Apresentamos também como foi realizado o trabalho por meio dos gêneros textuais, em específico, o cordel, o texto memórias literárias, dentre outros que foram utilizados, refletimos acerca dos resultados obtidos com a aplicação do projeto “Versos que Contam”, viabilizado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)³, do subprojeto Letras - Português, da Universidade Estadual da Paraíba, o projeto foi desenvolvido em turmas de 6º ano, na Escola Municipal Antônio Vital do Rêgo, localizada no município de Queimadas, na Paraíba.

Na elaboração e no desenvolvimento do projeto, buscamos considerar as contribuições teóricas de Dolz e Schneuwly (1999) que afirmam o gênero como sendo um mega-instrumento para imersão dos alunos em situações comunicativas, além do

³ Este artigo trata-se de um recorte do trabalho desenvolvido por meio da aplicação do projeto, viabilizado pelo PIBID e fomentado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) em parceria com o Ministério da Educação (MEC).

fornecimento de suporte e referências para o trabalho e produção de textos. Levamos em consideração também os novos enfoques da BNCC (2018), em que permitem uma ampla abordagem com esse modo de ensino, evidenciando a necessidade do trabalho com as práticas de linguagem articuladas aos gêneros textuais.

Este artigo está estruturado da seguinte forma: (2) apresentamos os pressupostos teóricos que embasam o trabalho com os gêneros textuais nas aulas de língua portuguesa, (2.1) discutiremos sobre os documentos oficiais que permeiam o ensino básico, atentando para a abordagem com os gêneros textuais na sala de aula, a partir da discussão referente a língua interativa e funcional, (2.2.) evidenciamos a importância dos gêneros para a contribuição e desenvolvimento nos processos de letramento, (2.3) destacamos a utilização dos gêneros textuais como um importante meio para articular as práticas de leitura literária e a escrita, seguida da metodologia e a partir da análise da prática de sala de aula com o projeto “Versos que Contam”, por meio da abordagem com os gêneros textuais, por fim, apresentamos os resultados obtidos e as considerações finais.

2 Referencial Teórico

2.1 Os gêneros textuais, os documentos oficiais e a prática relacionam-se?

Os documentos oficiais que permeiam o ensino básico são elaborados com o objetivo de contribuir na prática pedagógica, a partir de discussões e análises que visam fundamentar e nortear o ensino-aprendizagem do país. São vistos como referências para o desenvolvimento do trabalho docente, o ponto de partida que deve ser utilizado adaptando-se ao contexto da sala de aula, é imprescindível que as necessidades dos sujeitos sejam valorizadas na organização e no planejamento de projetos pedagógicos.

Haja vista que tais documentos não podem ser tidos sob a ótica de um plano pedagógico finalizado e inalterado, são importantes e servem de base para o aprimoramento de um projeto que só será possível ser pensado a partir da prática e de fatores externos, como a escola, a turma, as dificuldades e habilidades que precisam ser sanadas e aperfeiçoadas, assim como o contexto social, cultural, econômico que encontra-se esses alunos deve ser considerado.

Ao considerar a importância de tais documentos para atingir resultados significativos na educação do Brasil, analisaremos então, o modo como os gêneros textuais são apresentados nos documentos oficiais que norteiam o ensino básico, desde os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) até a Base Nacional Comum Curricular (2018), evidenciando também o modo como a linguagem é abordada.

Sobre o ensino de língua portuguesa sendo considerado a partir da concepção de língua como interação, os PCNs (1998) apresentam o uso da linguagem sendo mediada pelas práticas sociais. A finalidade da utilização deste documento é contribuir na formação e preparação de alunos que possam materializarem a língua nas situações concretas dentro e fora do espaço escolar.

O ensino de Língua Portuguesa deve se dar num espaço em que as práticas de uso da linguagem sejam compreendidas em sua dimensão histórica e em que a necessidade de análise e sistematização teórica dos conhecimentos linguísticos decorra dessas mesmas práticas. [...] é na prática de reflexão sobre a língua e a linguagem que pode se dar a construção de instrumentos que permitirão ao sujeito o desenvolvimento da competência discursiva para falar, escutar, ler e escrever nas diversas situações de interação. (BRASIL, 1998, p.34, grifo nosso)

A partir do recorte acima, nota-se também que o trabalho com a linguagem é realizado por meio do uso e da reflexão, ou seja, o plano do texto que circunda pelas escolhas linguísticas, a temática, os conteúdos e a própria organização da produção será diretamente influenciada pelas práticas discursivas, haja vista que não é possível separar o plano do conteúdo do plano da expressão, como bem é enfatizado nos PCNs (1998). Já sobre a abordagem com os gêneros textuais, salienta-se da necessidade de considerar os diversos gêneros.

Nessa perspectiva, é necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social. (BRASIL, 1998, p. 23 e 24)

Os PCNs (1998), documento que por muitos anos era o responsável por mediar o ensino-aprendizagem do país, já havia o interesse e a discussão em relacionar a

língua não como algo abstrato, ideal, mas sim, no contexto em que os alunos inserem-se e essa concretização se dá a partir dos gêneros que fazem parte das esferas da vida pública.

Já na BNCC (2018) o trabalho com e a partir da língua não somente se dá com o uso e reflexão por meio da sistematização de conteúdo, mas na finalidade de preparar o aluno para distintas situações na prática que podem incluir tanto a vida no cotidiano, quanto em situações discursivas mais formais.

[...] Assume-se aqui a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, já assumida em outros documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), para os quais a linguagem é “uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história” (BRASIL, 1998, p. 20). (p.63)

A concepção de língua adotada pela BNCC segue a mesma descrita em documentos anteriores, mas o documento atual destaca que a abordagem com a língua como forma de interação deve permear práticas discursivas da vida pública e pessoal, sem que haja o privilégio entre uma ou outra. A BNCC desenvolve ainda os eixos mais específicos e as habilidades a serem esperadas nos campos e esferas de ação para cada ano escolar. Esse novo formato permite que o trabalho docente seja melhor orientado, pois, direciona possíveis estratégias para a *práxis*.

[...] Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, **devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/ campos de atividades humanas.** (BRASIL, 2018, p.65, grifo nosso)

No que refere-se ao trabalho com os gêneros textuais, considera-se também a língua a partir do contexto sócio-histórico, ou seja, considera-se as novas formas de expressões, as práticas discursivas e sociais contemporâneas que estão inseridas no cotidiano dos alunos por meio da tecnologia. O que espera-se da escola, bem como do corpo docente, é a preparação de discentes que estejam não somente familiarizados, mas que sejam capazes de identificar, produzir e utilizar os diversos textos.

O documento evidencia também que o trabalho com os gêneros permite o desenvolvimento de habilidades referentes as práticas de linguagem, como oralidade, leitura e escrita, conseqüentemente, o desenvolvimento de letramentos. Apesar da ausência de uma concepção específica relacionada aos gêneros, nota-se que o documento enfatiza a necessidade de estarem intrinsecamente interligados as práticas sociais, permitindo o trabalho com diversos gêneros, incluindo os que estão inseridos nos meios digitais, com foco nos textos que sejam significativos para o aluno.

Percebe-se então que a discussão acerca do ensino de língua portuguesa sendo articulado aos gêneros textuais é uma proposta que há muitos anos vêm sendo apresentada, reivindicada e ganhando seu espaço na sala de aula, mesmo que em processo paulatino. Tendo em vista que o privilégio da norma-culta em detrimento de tantas outras formas de utilização da língua, contribui para que o uso e produção dos gêneros textuais distanciem-se das práticas sociais, do contexto real de uso.

Pois, sabe-se que, em alguns casos, o lugar da escrita e de leitura no espaço escolar restringe-se ao contato com textos sem função social, os alunos não enxergam-se em situações comunicativas efetivas, há apenas a realização com fins pedagógicos para obtenção de nota e a produção vê-se terminada naquele momento. E tratando-se do lugar cedido para a leitura, neste caso, a leitura literária que deixa de ser realizada por fruição, deleite e prazer, sendo articulada aos recortes de textos para exercícios pragmáticos com perguntas objetivas.

Esse formato tradicional e engessado reduz o ensino-aprendizagem a situações específicas e que só serão consideradas para dentro do ambiente escolar, retirando do aluno o desenvolvimento de habilidades que seriam importantes para a realização das práticas sociais no convívio extraescolar. Considerando ainda que o trabalho com a língua só torna-se possível concretizar-se por intermédio dos gêneros textuais.

Assim como bem elucida Lopes-Rossi (2011), propondo contribuir positivamente com a proposta de elaboração de projetos pedagógicos que busquem desenvolver habilidades sócio-discursivas, bem como o trabalho com os gêneros textuais articulados a situação de comunicação real.

Cabe ao professor, portanto, criar condições para que os alunos possam apropriar-se de características discursivas e linguísticas de gêneros diversos,

em situações de comunicação real. Isso pode ser feito com muita eficiência por meio de projetos pedagógicos que visem ao conhecimento, à leitura, à discussão sobre o uso e as funções sociais dos gêneros escolhidos e, quando pertinente, a sua produção escrita e circulação social. (LOPES-ROSSI, 2011, p.71)

Nota-se então que a abordagem com os gêneros textuais na escola requer procedimentos e análises referente ao uso, algo que não pode ser realizado de forma despreziosa, mas que deve haver um planejamento, assim como é necessário ter em mente os objetivos desejados. No entanto, o gênero não pode ser utilizado apenas como um “enfeite” como aponta Marcuschi (2003), mas como um trabalho importante que deve ser sistemático e organizado.

Dolz e Schneuwly (2004) discutem que o lugar efetivo dos gêneros na escola trata-se do uso com objetivos específicos de aprendizagem, em que esses gêneros são desvinculados de qualquer relação com uma situação de comunicação concreta, em que a escola nega o fato de ser um lugar efetivo de comunicação. “O aluno encontra-se, necessariamente, num espaço do “como se”, em que o gênero funda uma prática de linguagem que é, necessariamente, em parte, fictícia, uma vez que é instaurada com fins de aprendizagem” (p.65).

No entanto, para que o ensino-aprendizagem por meio dos gêneros textuais parta da teoria para a realização efetiva, torna-se preciso que o trabalho com a língua seja visto pelo plano da *práxis*, do próprio uso, sem que haja o privilégio da norma-culta, considerando as diversas possibilidades de expressão, inclusive, aquela que permeia no dia a dia dos indivíduos.

Assim como os gêneros textuais em concordância com o contexto em que inserem-se os discentes, atribuindo-lhes uma função social como forma de dominar o que ler, escreve e produz. Dessa forma, estaremos preparando alunos não somente para receber uma boa nota ou para ter sucesso no ano letivo, mas para agir e contribuir na sociedade por meio das práticas discursivas.

2.2 A importância dos gêneros textuais nos processos de letramento

Ao compreender a virtude de um ensino contextualizado cabe ressaltar Bazerman (2011).

Vale a pena lembrar que estudantes são apenas pessoas, normalmente jovens, passando pelas escolas para aumentar suas possibilidades de ter sucesso na vida e de contribuir com a sociedade. É na sala de aula que os educadores de letramento têm a oportunidade de trabalhar e de contribuir para o crescimento e o desenvolvimento da maioria dos membros da sociedade. (BAZERMAN, 2011, p.9)

Nota-se que em um ensino que leva em consideração o aluno enquanto pertencentes à uma sociedade dotada de modos distintos de aquisição de conhecimentos, os processos que trazem à tona o uso da escrita e da leitura ao contexto real de uso permitem que o aluno signifique o uso dos conhecimentos da sala de aula a uma possibilidade de contribuição no entorno social, significando à sua sociedade.

Conforme Kleiman (2005), “o letramento está relacionado com os usos da escrita em sociedade e com o impacto da língua escrita na vida moderna”. De maneira que a todo momento ao se apropriar da leitura e escrita no uso em sociedade são desenvolvidos os processos de letramento. Portanto, os conhecimentos desenvolvidos por meio da escrita e da leitura não moldam-se somente ao espaço da sala de aula, vão além deste ambiente.

Um evento de letramento inclui atividades que têm as características de outras atividades da vida social: envolve mais de um participante e os envolvidos têm diferentes saberes, que são mobilizados na medida adequada, no momento necessário, em prol de interesses, intenções e objetivos individuais e de metas comuns. (KLEIMAN, 2005, p. 24)

Sendo assim, constantemente é possível estar inserido em um evento de letramento, em práticas da vida social que envolva atividades com a leitura e escrita, que podem variar conforme diversas situações.

A inserção do aluno nas práticas que desenvolvam a capacidade de aptidão do uso da leitura e da escrita em diversos contextos podem ser incentivadas no ambiente de sala de aula.

Se como professores de escrita queremos preparar os nossos para entrar nos intercâmbios escritos das disciplinas escolhidas e nas várias discussões de interesse privado e público, precisamos cultivar as várias técnicas de absorção, de reformulação, de comentários e de uso da leitura. (BAZERMAN, 2011, p.38)

Portanto, é necessário que haja orientação por parte do professor para que o aluno gradativamente se apodere das práticas que envolvem leitura e escrita no

ambiente da sala de aula, de forma que essa inquietação provoque uma mudança na perspectiva do aluno em relação ao significado dessas práticas. E assim permita que a sala de aula dê início a uma construção de saberes interdisciplinares envolvendo a leitura e a escrita.

Conforme Bazerman (2011)

Um visão interacional de gênero pode nos ajudar a expandir nossa pedagogia para fazer com que mais tipos de escrita se tornem mais significativos para nossos alunos, proporcionando mais motivação na escolarização e abrindo a porta para uma vida de escrita. (2011, p. 16)

Dessa forma, uma perspectiva de gênero mais significativa e a prática de leitura e escrita no contexto real de uso estão intimamente relacionadas. De modo que a aproximação dos alunos aos gêneros textuais pode contribuir nos processos de letramentos.

Assim como evidencia Bazerman (2011), os gêneros estão além da presença de forma de texto, mas estão inseridos nas atividades dos seres humanos e considerados a partir do modo que estes utilizam para modificar as atividades sociais. De modo que as nossas vivências estão envoltas por gêneros a todo momento.

2.3 O ensino de leitura e escrita articulam-se por meio dos gêneros textuais

O ensino de português por meio do uso de gêneros textuais permite que sejam desenvolvidas habilidades e competências para que os alunos apropriem-se das diversas práticas de linguagem, assim como nas contribuições do ensino de leitura e escrita. Além da apropriação, permite que os discentes utilizem e dominem essas práticas, colaborando para o desenvolvimento de sujeitos que busquem agir sobre o mundo por meio delas, assim como, na contribuição da formação crítica-reflexiva do indivíduo.

Assim como bem destaca Soares (2009) sobre o ensino referente a escrita e leitura, que difere-se do fato de apenas decodificar e escrever, tendo em vista, que quando adquire-se como sendo própria ao aluno, permite que este torne-a como propriedade e forma de ação sobre o mundo. Seguindo este mesmo viés, Soares

ênfatiza que essa é uma condição de letramento, quando permite que tal apropriação dessas práticas de linguagem interajam com as diversas práticas sociais.

[...] letramento é um estado, uma condição: o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita, com diferentes gêneros e tipos de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham na nossa vida. Enfim: letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e de escrita. ” (SOARES, 2009, p. 44)

O trabalho com os gêneros textuais assume tal papel, em que articula-se as práticas de linguagem, como a própria leitura e escritas imersas nas práticas sociais em que inserem-se os alunos. É neste diálogo entre o objeto de aprendizagem e a amplidão das finalidades que tendem a ser atingidas, que os gêneros são considerados um importante aliado para o ensino-aprendizagem de forma significativa e satisfatória. Sobre essa articulação entre os gêneros e as práticas de linguagem como objeto de aprendizagem nas escolas, Dolz e Schneuwly (1999) dizem que

[...] é através dos gêneros que as práticas de linguagem encarnam-se nas atividades dos aprendizes. Por seu caráter intermediário e integrador, as representações de caráter genérico das produções orais e escritas constituem uma referência fundamental para sua construção. Os gêneros constituem um ponto de comparação que situa as práticas de linguagem. (p. 6)

No entanto, os gêneros permitem distintas possibilidades para o ensino de leitura e escrita, haja vista, que oportuniza ao aluno a aplicação dos conteúdos estudados em sala de aula para a vivência em sociedade. Considerando também que nossa comunicação, seja por meio oral, escrito ou digital estará sempre sendo orientado por algum gênero textual. Pois assim como afirma Bakhtin (1997) “O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso. ” (p. 301). Assim sendo, torna-se indispensável a abordagem com os gêneros em sala de aula.

Cosson (2020) apresenta alguns indícios negativos que ocorrem no ambiente escolar e que impedem a realização de uma leitura significativa, minimizando o espaço da literatura e resultando nas mais diversas dificuldades para construção e desenvolvimento da literatura como *lócus* de conhecimento. Dentre eles, o autor afirma que o trabalho com fragmentos de textos literários se perde em gêneros que

distanciam-se dos literários. Esse formato de abordagem com a literatura, impossibilitam que o aluno tenha o conhecimento e possam utilizar os diferentes gêneros literários.

Outra problemática abordada pelo autor, é a questão da nova organização do livro didático, o qual considera-se o ensino de língua articulado aos textos que possuam diferentes usos sociais e que conseqüentemente “[...] tendem a considerar que o texto literário, por seu caráter artístico, não apresenta a regularidade necessária para servir de modelo ou exemplo para o ensino de escrita, logo devendo ceder lugar a outros tipos de textos que apresentem tais características.” (COSSON, 2020, p.13)

Sendo assim, nota-se que os textos literários são vistos apenas pela ótica do lúdico e do artístico, desconsiderando que a abordagem com a literatura permite que o indivíduo critique, posicione-se, altere e modifique a realidade em que está inserido. As possibilidades e contribuições com o texto literário excedem o contexto escolar, constrói e desenvolve no sujeito habilidades e qualidades que serão importantes para a vivência em sociedade e também para a construção sociocognitiva do sujeito, os propósitos e objetivos não resumem-se ao pragmático e calculado. Assim como afirma Lajolo (2001):

É principalmente nesse *etecétera* que atua a literatura. Em movimento de ajustes sutis e constantes, a literatura tanto gera comportamentos, sentimentos e atitudes, quanto, prevendo-os, dirige-os, reforça-os, matiza-os, atenua-os; pode revertê-los, alterá-los. É, pois, por atuar na construção, difusão e alteração de sensibilidades, de representações e do imaginário coletivo, que a literatura torna-se fator importante na imagem que socialmente circula, por exemplo, de criança e de jovem. (p.21)

Sobre a abordagem com o texto na sala de aula, elucida Geraldí (2010) que trata-se de aceitar o inusitado, o diferente, o novo. Tendo em vista que ao trabalhar-se com o texto, permite o espaço para que trabalhe-se com distintas possibilidades, sentidos e significados que irão contribuir para a reflexão, discussão e para aceitação da existência de um mundo plural, diverso e que deve estar presente também na sala de aula. Sendo assim entende-se que “operar com textos é uma forma de se inserir em uma cultura e dominar uma língua.” (MARCUSCHI, 2008, p.90)

Para tratar do ensino de escrita e leitura por meio dos gêneros textuais, é preciso que antes considere-se que “os textos são eventos reais”, assim como bem esclarece Antunes (2017, p.39), esses textos acontecem numa situação interativa, com um objetivo comunicativo e que sempre acontece entre um autor e interlocutor.

Ou seja, quando utiliza-se do texto como centro do estudo, estará tratando de um evento real e não abstrato, conseqüentemente, o aluno precisa vê-se em situação de uso concreta e não imaginária, em que este possa realizar o uso do seu texto com sentido e seja significativo a partir de um objetivo sociocomunicativo na relação intrínseca da prática de linguagem (a escrita) com a prática social (o uso da escrita).

No tocante do processo de escrita, Antunes (2005) desenvolve por meio de tópicos acerca do ato de escrever em que considera que é uma atividade de interação com o outro, sendo indispensável essa relação entre o autor e leitor, é preciso ter em mente *para quem* e o *porquê* escreve-se algo. Destaca ainda que é uma atividade cooperativa e contextualizada, só há sentido quando tem-se o objetivo, o texto deve ser situado a um propósito, tempo e espaço que guiarão as escolhas linguísticas, o gênero textual e a finalidade a ser alcançada.

Antunes (2005; 2017) realiza críticas significativas e construtivas para que a abordagem com o texto na sala de aula, possa tornar-se como ponto de partida para o ensino de língua, considerando que só é possível interagir verbalmente por meio de textos, sejam eles orais ou escritos. Enfatiza ainda que tal interação é permeada pelos gêneros textuais, sendo preciso considera-los como objeto de estudo. "Saber usá-los constitui uma exigência do mundo letrado em que circulamos; certamente, essa é a verdadeiro competência que cabe à escola desenvolver." (ANTUNES, 2005, p. 35)

Portanto, é indispensável evidenciar que a utilização dos gêneros textuais no ensino de língua portuguesa é uma forma de agir socialmente articulando as diferentes práticas de linguagem, como a escrita e a leitura. Haja vista que ao considerar a língua como uma atividade interativa e social, o ensino desta não pode torna-se abstrato e ideal, sendo preciso articula-lo ao uso social da mesma. "O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas." (MARCUSCHI, 2008, p. 149)

3 Procedimentos Metodológicos

Caracterizado pela abordagem qualitativa, que "tem como objetivo interpretar e dar significados aos fenômenos analisados." (REIS, 2008, p. 57), este trabalho visa apresentar as contribuições da utilização de gêneros textuais no ensino de língua

portuguesa, por meio dos pressupostos teóricos que embasam a abordagem com os gêneros na sala de aula, bem como a discussão da importância de documentos oficiais que possuem o objetivo de permear o ensino básico, atentando para a perspectiva de língua e de gêneros textuais propostas pelos documentos.

Para discussão deste trabalho foram analisadas as utilizações de gêneros textuais de maneira contextual em sala de aula, visando a construção de conhecimentos de maneira interativa ao contexto real de uso dos alunos, como formas de práticas de linguagem. A partir da análise de ações do subprojeto “Versos que Contam”, em que objetivou-se o trabalho com os gêneros por meio de etapas gradativas (conhecimento, leitura e escrita) para que fosse desenvolvido o ensino-aprendizagem a partir das relações de uso, reflexão e criticidade, possibilitadas pelo ensino de LP por meio dos gêneros.

4 Análise dos Dados e Resultados Obtidos

Evidencia-se que os gêneros textuais, quando trabalhados de forma sistemática e organizada nas aulas de língua portuguesa, possibilitam que o ensino-aprendizagem torne-se, cada vez mais, integrado ao cotidiano dos discentes, facilitando que os conteúdos sejam vistos sob a ótica da própria prática. Possibilitando a autonomia e o domínio das práticas discursivas, bem como a contribuição no desenvolvimento de letramentos.

A fim de considerar as perspectivas e abordagens referente ao trabalho com as práticas de linguagem de leitura e escrita por meio da utilização de gêneros textuais, desenvolvemos o projeto “Versos que Contam” em três turmas de 6º ano, que teve como abordagem, principal, a literatura de cordel, juntamente com a cantoria, embolada e repente, além da apresentação e elaboração de textos de memórias literárias.

Dessa forma, foi percebido nos folhetos de cordéis uma forma de abordar em sala de aula, um gênero que já é visto e conhecido popularmente pelos alunos, porém, pouco aprofundado e lido em sala, apesar do avanço no trabalho com o gênero de folheto de cordel, ainda entra-se em lugar de desprestígio no espaço escolar por

diversos fatores, inclusive o de não considerar a literatura como forma de agir socialmente.

Inicialmente, apresentou-se aos alunos a proposta do projeto a partir da dramatização e leituras performáticas de folhetos de cordéis, o objetivo principal enfatizou-se na leitura lúdica e prazerosa, que fosse capaz de desenvolver e despertar nos alunos o gosto e o deleite pela leitura literária, para que consequentemente pudessem tornar-se leitores. Distanciando-se do objetivo pragmático do ensino tradicional, que utiliza da literatura como pretexto para regras gramaticais ou para perceber e criticar negativamente as variações linguísticas presentes nos cordéis, retirando e minimizando os amplos sentidos existentes nos textos. Pois assim como esclarece Pinheiro e Marinho (2012)

Todo leitor ou ouvinte de literatura de folhetos aprendeu a apreciar este gênero a partir de narrativas de aventura, de proezas, de pelejas, de notícias cheias de invenções, de brincadeiras, da folia da bicharada, dos ABCs, de abordagens bem-humoradas de diferentes temas e situações. Ninguém aprende a gostar de folhetos decorando regras sobre métricas e rimas. Mesmo os que aprenderam a ler com os folhetos, foram primeiros tocados pela fantasia das narrativas, pelo humor de situações descritas, enfim, pelo viés da gratuidade e não pelo pragmatismo de suas informações. (p.12)

Sendo assim, a leitura realizada pela equipe dos “Versos que Contam”, iniciou-se de maneira a buscar a atenção dos alunos, por meio das escolhas de temáticas e cordéis que pudessem despertar o gosto pelas histórias, a seleção dos textos deu-se a partir do diagnóstico aplicado com as turmas e dos encontros realizados antes do desenvolvimento do projeto para conhecê-los melhor. Esse contato prévio contribuiu de forma significativa para que os alunos recebessem de forma afetiva os textos.

Os primeiros encontros eram direcionados às leituras performáticas, dramatização de histórias clássicas no formato de cordéis, criação de cenários que pudessem representar a temática dos textos, houveram momentos da realização de rodas de leitura em lugares confortáveis, como o pátio e a quadra da escola, debaixo das árvores, esses momentos possibilitaram aos alunos uma visão de leitura prazerosa, tendo em vista que ao serem retirados do formato de sala de aula sem cadeiras enfileiradas e com a ausência de atividades escritas para que não pudesse torna-se pretexto da leitura, os discentes permitiram-se um novo olhar a respeito dos momentos de leitura literária.

Foram realizadas leituras em voz alta, leituras silenciosas, círculos de leitura em acompanhamento da compreensão e interpretação após a leitura do cordel, entre outras atividades a fim de fomentar o conhecimento do gênero, a exemplo da utilização de plataforma digitais, como o aplicativo *Kahoot*, que tem como objetivo realizar a interação entre os alunos, por meio de jogos e quiz. Por intermédio do aplicativo, trabalhou-se com as características presente no gênero, bem como as questões históricas e sociais que influenciaram no surgimento do cordel.

Ao longo do desenvolvimento do projeto, alguns gêneros emergiram do contexto da sala de aula e ganharam espaço para também atribuir conhecimento. Assim ocorreu com as poesias, canções e lendas, que sempre foram abordados em sala também de maneira contextualizada. Para leitura de cada gênero que foi abordado, foi levado em consideração o contexto histórico e social do período de construção do texto, visando a contribuição desse gênero ao retratar o momento social em que foi produzido.

Um dos objetivos do projeto “Versos que contam” era estreitar o laço dos alunos com os processos de leitura, tanto a leitura no sentido amplo da palavra, como a leitura literária, incentivando a perspectiva da prática de leitura como significativa e enriquecedora de conhecimentos diversos, além de maneira de descontração.

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (Cosson, 2009, p.30)

Para tanto, a leitura de diversos gêneros em sala de aula era frequentemente feita tanto pelos mediadores do projeto quanto pelos alunos da escola. Como uma forma de permitir que a sala de aula também seja um local que contribua para a formação dos discentes como leitores.

Figura 1: “Cordelteca” composta por cordéis para serem disponibilizados para leitura em casa.



Fonte: As autoras.

Objetivando aproximar cada vez mais a leitura literária dos discentes, permitindo que essa leitura aconteça, também, para além do espaço escolar, organizou-se uma caixa com diversos cordéis para que os alunos pudessem realizar a leitura em casa, os textos eram selecionados pela equipe do projeto, para que respeitasse o nível de leitura, aprendizagem e a faixa etária dos alunos. Percebendo a curiosidade e o interesse dos alunos, organizamos juntamente com a professora supervisora⁴, a “Cordelteca do Vital”, como aparece na figura 1, os cordéis ficavam expostos e dessa forma acontecia o empréstimo para os alunos.

Além do trabalho com a prática de leitura, as turmas que participaram do projeto tiveram acompanhamento e suporte a questões relacionadas a escrita. Cada gênero apresentado era abordado de maneira contextual e especificado as diferenciações estruturais. Pois, ainda que o ensino não seja, neste momento, fixo à estrutura, é importante que os alunos reconheçam a configuração dos gêneros apresentados.

Dessa maneira, ao abordar a poesia e suas características estruturais em sala de aula, diversos aspectos eram reconhecidos pelos alunos, e assim eram relacionados os conhecimentos prévios aos novos conhecimentos do gênero, sem que a leitura passasse a ser tão somente por pretexto.

As canções e lendas foram trazidas pelos alunos por meio de uma pesquisa com os familiares, na qual o objetivo principal era reunir e trazer para sala de aula, histórias da cidade contadas pelo povo que passaram de geração em geração. Foi um

⁴ Pollyana Rodrigues é professora efetiva da Escola Vital do Rêgo e foi a responsável por supervisionar e conduzir o trabalho desenvolvido pela equipe de pibidianos.

momento maravilhoso para todos. Os alunos, dos seus próprios locais da sala, contavam as histórias sempre sorrindo (ou com medo) das características das lendas, a grande maioria da turma se interessou pela atividade o que nos trouxe a perspectiva que esta prática apresenta bons resultados.

O trabalho com as memórias literárias foi um pouco mais minucioso, tendo em vista que os alunos não conheciam o gênero literário. Demandou diversas leituras, audição de memórias contadas com efeitos especiais representados no áudio, algumas atividades e escritas coletivas, até culminar com o momento da escrita e reescrita que foi acompanhada individualmente, sempre apresentando aos alunos a perspectiva de uma escrita processual.

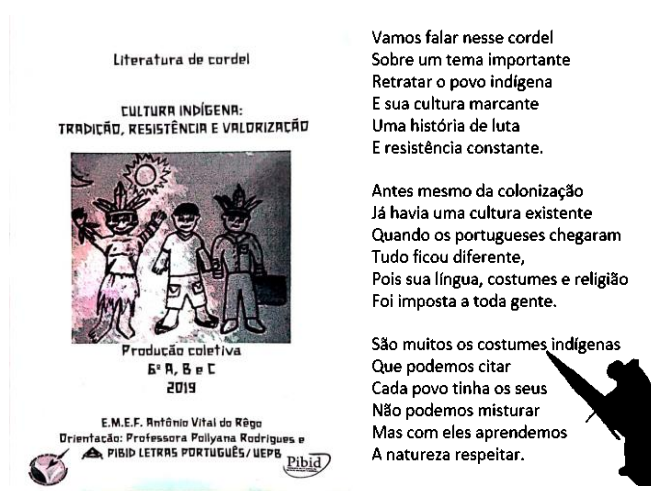
O cordel foi o principal gênero abordado pelo projeto e foram feitas duas escritas coletivas ao longo de todo desenvolvimento do projeto “Versos que contam”. A proposta inicial era desenvolvermos um cordel coletivo simples e ilustrativo, visando apenas a contribuição dos alunos na construção e interação com os gêneros, de maneira que iríamos reunir a colaboração de cada turma e assim formar ao final um cordel coletivo. Contudo, a forma como os alunos se empolgaram com a construção do cordel foi um exemplo para nós, de como a sala de aula reage a maneira como nos portamos na prática docente.

A proposta da produção do cordel coletivo foi algo novo tanto para os alunos quando para os bolsistas e teve retorno positivo e animador. Os alunos reagiram mostrando satisfação de estar em sala de aula. Até mesmo os que não contribuía na escrita e geralmente não tinha um bom comportamento em sala de aula, paravam apenas para ouvir o desenvolver do cordel. Esse processo de escrita deu-se por meio de etapas de reescrita, de forma gradativa, primeiramente os alunos tiveram conhecimento do gênero, leram diferentes temáticas, abordagens e autores, para que pudesse desenvolver a escrita referente ao gênero trabalhado.

A escrita e a circulação do texto não foram impostas aos alunos, tornou-se uma consequência do processo de conhecimento e aprofundamento do gênero, recebida de forma muito natural. Ambos cordéis produzidos contaram com a participação de todos alunos em todas etapas, até mesmo na escolha do título a nomeá-los, dos desenhos que iam compor as páginas do folheto. As capas dos cordéis foram elaboradas coletivamente e assim algumas imagens foram selecionadas para

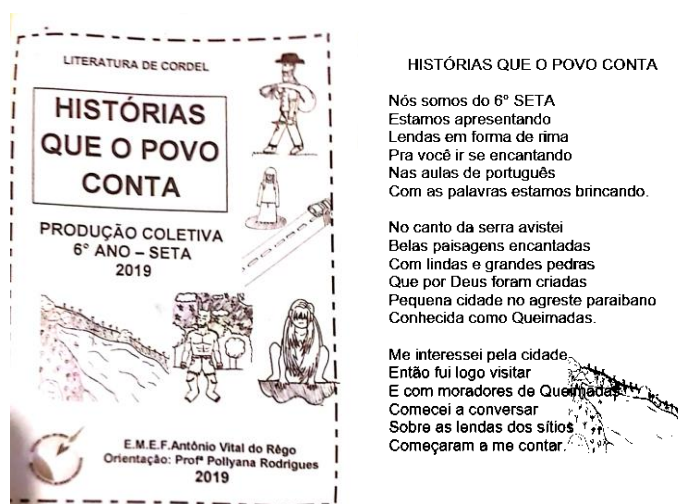
representarem as histórias retratadas. As atividades interativas em sala de aula são conduzidas pela teoria ao passo que são fixadas pela prática. Foram momentos de aprendizado mútuo.

Figura 2 e 3: Capa e estrofes do folheto de cordel sobre cultura indígena.



Fontes: As autoras.

Figura 4 e 5: Capa e algumas estrofes que fazem parte do folheto de cordel sobre as lendas da cidade de Queimadas – Paraíba.



Fonte: As autoras.

As figuras acima são referentes aos cordéis produzidos, coletivamente, pelas turmas do 6º, sob orientação da professora supervisora Pollyana Rodrigues e pela

equipe de pibidianos responsável pelo projeto “Versos que Contam”, após a produção final os alunos teriam que circular os folhetos de cordéis para a população do município de Queimadas – PB. As figuras 2 e 3 mostram o cordel que teve como temática a cultura indígena, os desenhos feitos pelos alunos fizeram parte da ilustração presentes tanto na capa quanto nas folhas seguintes da produção, que foi disponibilizada e apresentada aos pais, professores e visitantes na ação do Projeto Cultura na Escola, resultado da parceria entre o Instituto Alpargatas e a Prefeitura de Queimadas.

Já as figuras 4 e 5 representam o cordel referente as lendas e mitos que fazem no contexto histórico do município, as estrofes apresentavam de forma bem humorada quais eram as lendas e como são vistas pelas pessoas que residem no local, as ilustrações para representar cada lenda também foram elaboradas pelos alunos, assim como as estrofes que foram criadas coletivamente. A produção teve a circulação social no desfile cívico de Queimadas, que teve como tema "*Nossas mãos construíram Queimadas*" com o principal objetivo homenagear e relembrar as figuras que tiveram e até hoje tem grande importância social e histórica para o município de Queimadas.

5 Considerações Finais

O ensino de gêneros textuais-discursivos na educação básica contribui de maneira significativa para ambientação do aluno aos conhecimentos específicos da disciplina e a compreensão dos conhecimentos da área da linguagem como significativos aos usos sociais da leitura e escrita.

Os processos de letramento e a aquisição de significação dos conhecimentos por meio da leitura podem ser estendidos a vida cotidiana, aproximando os conhecimentos da sala de aula ao contexto real de uso, configurando uma nova perspectiva da sala de aula para esses alunos.

Durante o trabalho desenvolvido e a partir dos resultados obtidos observa-se que ao lidar com gêneros textuais, lida-se com a língua que permeia no cotidiano das pessoas, esta, que é dinâmica e heterogênea, não podendo estar desvinculada das práticas sociais. Contribuindo também na formação de alunos críticos-reflexivos, pois,

a leitura e a escrita desenvolvem-se significativamente quando tomamos como ponto de partida o próprio contexto em que inserem-se os discentes.

A abordagem com gêneros que por muito tempo foi marginalizado e excluído do espaço escolar, como o próprio cordel, permite que o aluno observe-se em situações concretas de uso, podendo sentir-se representado, estimula-se o respeito e a valorização pela cultura regional, bem como o trabalho referente as variações linguísticas. Além da utilização da cultura popular como forma de resistência e valorização por meio do uso e produção de textos literários, permitindo o espaço para o trabalho com a literatura de forma ampla, lúdica e prazerosa.

Referências

ANTUNES, I. **Lutar com as palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ANTUNES, I. **Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2017.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em: 07 de julho de 2020.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>> Acesso em: 07 de julho de 2020.

BARROS, E.M.D.; Rios-Registro, E.S. (Orgs.) **Experiências com sequências didáticas de gêneros textuais**. São Paulo: Pontes Editores, 2014.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução e revisão de Maria Emsantina Galvão G. Pereira e Marina Appenzellerl. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAZERMAN, C. **Gêneros, Agência e Escrita**. Judith C. Hoffnagel; Ângela P. Dionísio (orgs). São Paulo: Cortez, 2011.

BAZERMAN, Charles. **Escrita, gênero e Interação Social**. Judith C. Hoffnagel; Ângela P. Dionísio (orgs). São Paulo: Cortez, 2007.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2020.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2019.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Genres et progression en expression orale et écrite: éléments de réflexions à propôs d'une expérience romande.** Emjeux, 1996.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Os gêneros escolares – Das práticas de linguagem aos objetos de ensino.** Revista Brasileira de Educação, ANPED, n. 11, p. 5-16, mai/jun/jul/ago 1999.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

KLEIMAN, A. **Preciso ensinar letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** Campinas: CEFIEL/UNICAMP, 2005.

LOPES-ROSSI, M.A.G. **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos.** In: KARWOSKI, A.C; G; GAYDECZKA, B; BRITO, K.S. Gêneros textuais: reflexões e ensino. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. (p. 69-82)

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, L.A. **Produção textual, análises de texto e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L.A. DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2010.

MARINHO, A.C; PINHEIRO, H. **O cordel no cotidiano escolar.** São Paulo: Cortez, 2012.

PEREIRA, R.C.M. **Práticas de leitura e escrita na escola: construindo textos e reconstruindo sentidos.** João Pessoa: UFPB, 2011.

REIS, L.G. **Produção de monografia da teoria à prática: o método de educar pela pesquisa.** 2.ed. Brasília: Senac- DI, 2008.

SOARES, M. B. **Letramento: um tema em três gêneros.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

PINHEIRO, H. **Poesia na sala de aula.** Campina Grande: Bagagem, 2007.

PINHEIRO, H. **Poesia na sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2018.